

## **José Bastos - Centro Cultural Vila Flor**

### **Apresentação**

A Regie-Cooperativa “A Oficina” é um projecto de cidade que nasceu da vontade de criar uma estrutura capaz de valorizar, promover e divulgar as artes tradicionais de trabalhar os materiais, património vimaranense diversificado nas áreas e rico nas formas, e de promover e realizar acções e espaços de formação potenciadores da descoberta de talentos e do desenvolvimento de competências dos cidadãos que as frequentam, ao mesmo tempo de aprofundamento do conhecimento da nossa identidade.

A estes primeiros objectivos, mais tarde, um outro veio enriquecer a sua área de actividade; o de desenvolver um projecto de intervenção teatral, forma privilegiada de expressão e comunicação e, portanto, instrumento fundamental para o desenvolvimento cultural de cada um e de todos.

O Teatro Oficina foi criado com o objectivo de criação de uma estrutura de teatro que desenvolvesse a sua acção no sentido de combater as assimetrias regionais, proporcionando aos cidadãos desta região espaços de formação e fruição cultural, na área do teatro. Mercê da sua continuada e persistente acção contribui, sobremaneira, para a conquista e fidelização de públicos do teatro, conseguindo granjear o reconhecimento e respeito pelo seu trabalho por parte dos cidadãos e das instituições que os representam.

Ao longo de mais de dez anos de actividade “A Oficina”, em crescendo, com determinação e persistência, foi dando passos significativos na conquista de espaço próprio de intervenção, de afirmação e reconhecimento.

Em cumprimento das vontades que determinaram a sua criação “A Oficina” constituiu-se, por direito próprio, em projecto de cidade de intervenção cultural.

Tal como tudo na vida, também as instituições crescem e desenvolvem-se ou definham. Em 2003, animados pela forte determinação de engrandecer e solidificar a sua intervenção, “A Oficina” cresceu e desenvolveu-se. Às actividades que a identificavam já, outras se lhe juntaram, enriquecendo a sua intervenção e trazendo responsabilidades acrescidas, que abraçámos com entusiasmo, animados pela força de acreditar no projecto e de querer orgulhar os vimaranenses. Acreditamos que só pela educação e pelo desenvolvimento cultural, os cidadãos e as comunidades saberão enfrentar os desafios que a vida nos coloca, num mundo global cada vez mais surpreendente, marcado, por um lado, por inimagináveis avanços científicos e tecnológicos, por surpreendentes descobertas, por notáveis invenções, que nos

deixam perplexos e maravilhados com as cada vez mais incríveis capacidades e potencialidades do Homem. Por outro lado, um mundo marcado pela violência, pela insegurança, pelos conflitos, pela exclusão social e cultural de muitos, pela fome e miséria, pela agitação social, pela angústia pessoal. Acreditamos que só seremos capazes de vencer estes e outros desafios e de construir uma sociedade mais justa, mais democrática, mais solidária, uma sociedade ancorada numa cultura de entendimento, de respeito e de paz, pelo desenvolvimento cultural de cada um e de todos. E acreditamos que “A Oficina”, pela sua intervenção, em 2003 alargada e consolidada, em estreita colaboração com outras instituições, aberta à contemporaneidade, com os cidadãos, deu o seu contributo para a democratização do acesso aos bens culturais e, por essa via, para a construção de uma cidade, de um concelho mais democrático e inclusivo.

Com a assumpção de novas responsabilidades para 2004 - a organização dos principais eventos culturais da cidade como os Encontros da Primavera, o Festival de Inverno, a Semana da Dança, o Verão vale a Pena em Guimarães, os Cursos Internacionais de Música, as Oficinas de Jazz e o Guimarães Jazz , que se vieram juntar às anteriormente assumidas – os Festivais Gil Vicente, as Festas da Cidade, a Feira de Artesanato, o Teatro Oficina e a Promoção das Artes e Ofícios Tradicionais – esperamos contribuir de forma decisiva para o desenvolvimento sustentado da Cidade em termos culturais.

O último trimestre de 2005 é o início de um novo e aliciante ciclo da actividade cultural em Guimarães e, paralelamente, um novo ciclo para a Oficina, a quem foi atribuída a responsabilidade de gestão do Centro Cultural Vila Flor.

A entrada em funcionamento do CCVF propiciou o desenvolvimento cultural de Guimarães e de toda a região circundante; propiciou a intervenção em áreas e projectos até então inacessíveis; propiciou o crescimento; propiciou a fruição cultural.

O Centro Cultural Vila Flor tornou-se, em apenas um ano, num espaço incontornável da cultura em Portugal. Um espaço que, pelas suas múltiplas valências, pela sua beleza arquitectónica, pelos meios técnicos que dispõe e pela sua programação, é hoje reconhecido e elogiado por todos aqueles que já por lá passaram e desejado pelos que ainda não tiveram a oportunidade de por lá passar.

As múltiplas actividades realizadas no Centro Cultural Vila Flor, quer no âmbito da programação cultural quer no âmbito das inúmeras reuniões, seminários, palestras, colóquios e outras actividades, trouxeram a Guimarães e ao CCVF dezenas de milhares de pessoas cumprindo assim o seu papel de potenciador do desenvolvimento económico.

No âmbito artístico foram atingidos os objectivos traçados através da realização de uma programação regular, diversificada e de qualidade artística reconhecidamente elevada; através da realização de um conjunto de parcerias; através do apoio à criação artística e através do trabalho realizado pelo Serviço Educativo, pedra basilar para a prossecução de uma estratégia de formação de públicos.

Embora convictos da missão cumprida, estamos seguros do imenso que ainda falta fazer; do imenso que é necessário melhorar.

Estamos cientes da dimensão da utopia que perseguimos, e que, por definição, não alcançaremos ou deixaria de o ser, na expectativa de chegarmos tão perto dela quanto possível.

### **Centro Cultural Vila Flor**

O Palácio Vila Flor, edifício do século XVII, mandado construir pelo fidalgo vimaranense Tadeu Luís António Lopes de Carvalho de Fonseca e Camões, passou posteriormente por compra para a família dos Condes de Arrochela, que nele receberam D. Maria II, na visita que determinou a elevação a cidade da então vila de Guimarães.

Novamente vendido, nele se realizou, em 1884, a I Exposição Industrial e Comercial de Guimarães. Mais tarde passa para a posse da família Jordão, que completou a obra iniciada por Tadeu Luís, com excepção da sequência de estátuas dos Reis de Portugal existente nas fachadas norte e oeste do Palácio.

Adquirido pela Câmara Municipal de Guimarães em 1976, já então com o interior desfeito, ali se instalou o Pólo de Guimarães da Universidade do Minho e, na área originalmente ocupada pela horta-pomar, o Horto Municipal.

Abandonado durante anos, o Palácio sofreu, desde a sua aquisição pela Autarquia, inúmeras intervenções visando fundamentalmente dividir o seu interior para aí instalar, inicialmente, a Universidade do Minho, e depois uma Academia de Música, uma oficina de teatro, um organismo universitário, salas para formação profissional. Nenhuma destas intervenções visou a reabilitação e o restauro do Palácio como um todo, pelo que o seu interior se encontrava degradado e, sobretudo, com a sua identidade desvirtuada por tantas alterações transitórias e desconexas. A passagem do tempo e as intempéries deixaram marcas no exterior que reclamava requalificação. Dos espaços constantes da Quinta Vila Flor, mantiveram-se intactos os jardins de buxo, que se desdobram em socalcos fronteiros à fachada norte do palácio, considerados dos melhores da região.

É neste Palácio dos idos de mil e setecentos, a que as Memórias Paroquiais de 1750 se referem como sendo de “admirável em sua arquitectura e na grandeza e fábrica do jardim”..., hoje remoçado e equipado, que se instala o Centro Cultural Vila Flor.

Este grandioso projecto, que Guimarães exige e merece e a que a Câmara se lançou com determinação e arrojo, cumpre dois vectores absolutamente presentes na acção municipal. Por um lado recuperar espaços e edifícios de interesse patrimonial, imprimindo-lhes novas funcionalidades e disponibilizando-os à fruição pública. Por outro lado criar condições que garantam aos cidadãos o acesso às artes e à cultura num equipamento e em condições de excelência.

Equipado com dois auditórios, salas de reuniões, área expositiva, restaurante, café-concerto, parque de estacionamento e magníficos jardins, agora abertos à fruição pública, o Centro Cultural Vila Flor permite reforçar e alargar o projecto cultural iniciado em Guimarães há quinze anos, que o tempo e as vontades fizeram crescer e solidificar.

Porque o investimento na cultura constitui uma aposta clarividente no progresso social e no bem individual e colectivo, o Centro Cultural Vila Flor significa a força da afirmação de Guimarães como cidade de Cultura.

**Em Guimarães a cultura tem espaço!**